

A ESPERANÇA DE TANCREDO NEVES

O governador de Minas acha que chegou a vez de o sistema financeiro também sentir o peso das medidas

— Desta vez, o setor financeiro, mais do que nunca, dará sua quota de sacrifício. Essa afirmação foi feita ontem, em Brasília, pelo governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, ao comentar as medidas econômicas que estão sendo elaboradas pelo governo, pouco depois de uma audiência com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas.

Tancredo Neves foi um dos políticos que analisaram, ontem, a política econômica do governo — o tema mais discutido em Brasília. As críticas sobram até para o presidente Figueiredo, apontado por parlamentares como o responsável pela situação.

Em sua entrevista, Tancredo Neves ressaltou que Galvêas não comentou o pacote, “mas sabemos muito bem que não é possível ter uma política de combate à inflação, procurando jogar as responsabilidades sobre um só setor, no caso, os trabalhadores”.

Tancredo Neves disse que encontrou o ministro da Fazenda “animado e seguro de que as providências que estão sendo adotadas são realmente as necessárias e reclamadas para o saneamento das finanças brasileiras”. Tancredo concorda com medidas fortes e drásticas para conter o processo inflacionário, que no seu entender atingiu um patamar muito elevado, e acha que nesse momento “todos devem dar sua contribuição e sacrifício”.

Incompetência

Em discurso na Câmara, o deputado Jorge Ueque (PMDB-RS) disse ontem que quem viu o presidente da República em seu último programa na televisão, “pode ver a tristeza e a incompetência representada na figura patética do presidente”.

As suas palavras — acrescentou — eram poucas, em relação ao que transmitia ao

telespectador, de desespero e insegurança. Via-se a fisionomia de um chefe de governo que não sabe o que fazer no comando da Nação. Quando pedia austeridade, quando afirmava que viriam novas dificuldades, todos podiam ler na fisionomia do presidente: Ele não sabe o que fazer. A nau está sem comando.

O novo pacote econômico foi tema também de vários outros discursos. Até deputados governistas manifestaram sua apreensão. “Uma vez mais — disse Antonio Dias (PDS-MG) — volto a responsabilizar os senhores ministros da área econômica. Uma vez mais, volto a advertir sua excelência o sr. presidente da República. A agricultura e a pecuária estão sendo criminosamente exterminadas pela incompetência e pela insensibilidade dos tecnocratas, perdidos na destruição da economia nacional.”

O deputado Sebastião Nery (PDT-RJ) declarou-se “espantado” pelo fato de o presidente da República ir à televisão “com semblante de quem não tem nada a ver com isso”. “Ele está há 19 anos no poder — acrescentou —, há 15 anos dentro do Palácio do Planalto. É responsável e co-responsável pela falência nacional”.

Em nome do PMDB, Hélio Duque assinalou “constar estouro de 1 trilhão e 500 bilhões de cruzeiros” e que, num momento em que se anuncia a retirada de subsídios da agricultura, é bom lembrar que o governo confiscou da agricultura “mais de 1 bilhão de dólares, contado somente o confisco incidente sobre o cacau e o café”.

A comissão executiva nacional do PMDB deverá manifestar-se, formalmente, hoje ou amanhã, sobre o novo pacote do governo, tão logo sejam conhecidas suas medidas oficiais. Foi o que informou, on-

tem, em Brasília, o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães. Se houver tempo, a manifestação do PMDB poderá ocorrer hoje, durante reunião da direção nacional. Caso contrário, seria amanhã.

Mesmo sem conhecer oficialmente as novas medidas econômicas do governo, Ulysses Guimarães comentou, com base em informações e noticiário da Imprensa, que “tudo indica que serão medidas muito ruins, provocando, certamente, o agravamento da crise sócio-econômica, atingindo a todos, indistintamente”.

Pressões

“Há uma preocupação de parte do governo em não neutralizar as medidas decorrentes do acordo conosco. Mas o FMI é uma realidade”. Foi o comentário que a presidenta do PTB, Ivete Vargas, fez ontem à tarde, a propósito do pacote econômico do governo.

“Sente-se no noticiário que há uma pressão da área técnica sobre a política. Existe uma disputa. Mas não posso falar sobre o pacote porque ele ainda não chegou”, prosseguiu.

Assinalou ainda Ivete que o acordo com o PDS “foi claro e firmado perante os olhos da Nação. Não há necessidade de outra garantia que a do presidente da República”.

O 1º vice-presidente do PMDB, Teotônio Vilela, analisando o pronunciamento do presidente Figueiredo pela televisão anteontem à noite, afirmou que as contradições expostas pelo chefe do governo “nos dão a idéia de um homem tranquilamente perturbado e de cujas palavras se impõe a lógica de que lhe aprontam um trágico dilema: renunciar ou dar um golpe militar”.